ANO XX — Lisboa, Maio de 1964 — N.º 229

SEMPRE PRONTO

MENSÁRIO ESCOTISTA

Agraciado com o «Lis de Prata» da Associação dos Escoteiros de Portugal

Director e Editor
Eduardo Ribeiro

Administrador
Capitolino Ferreira Macedo

Redactor principal
Joel Ribeiro

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
Trav. de Vitorino de Freitas, 9
LISBOA — 3
TELEFONES:
Red. 636607—Admin. 638849

Composição e Impressão: TIPOGRAFIA VIEIRA / Praça Afonso de Albuquerque, 2-A / Telefone 63 78 66 / LISBOA 3 ● PROPRIEDADE DO CÍRCULO FRATERNAL DE COOPERAÇÃO ESCOTISTA

No Centenário de Shakespeare

SHAKESPEARE, O GÉNIO BRITÂNICO E O ESCOTISMO

Palestra proferida pelo Sr. Rev. Eduardo Moreira, na Tertúlia da Fraternal dos Antigos Escoteiros, em 23 de Abril passado.

Festeja-se agora em todo o mundo Shakespeare, o grande dramaturgo, vasculhador do drama humano, que todas as nações civilizadas procuram interpretar, reduzindo-o ao drama peculiar de cada povo,

Como no caso de Homero, e até do próprio Cristo, levaram os críticos a aura do famoso inglês até aos domínios da negação, duvidando da autoria da sua obra, dessas três dúzias de obras-primas, que têm sido atribuídas a Bacon, a Marlowe e a outros, por ténues indícios que não fazem prova. Mas é impossível varrer da História dos povos, e da fama conquistada, Guilherme Shakespeare.

Evidentemente ele é um Homem, e a sua obra é hoje de todos nós, humanos, no sentido de que todos nos podemos orgulhar da obra dos grandes humanos, nos seus ideais e na sua alta expressão.



REV. EDUARDO MOREIRA

Todos os ideais que têm sido expressos começaram por viver implícitos no recôndito do ser humano. Na alma? No espírito? Em uma como no outro. E' certo que, ao dizê-lo, não aceito a semântica actual dos termos enunciados; mas digamos, para todos estarmos de acordo nesse tema, que há em nós um ser colectivo e um ser individual, na mesma pessoa. A biogenética o justifica. O «indivíduo Shakespeare», como todos nós, deveu muito aos pais, ao meio, à pátria, à língua, às suas vicissitudes, e, vá lá, a si próprio.

Shakespeare foi um expoente do génio britânico, quando o seu povo atingiu um certo grau de maturidade. Que não se confunda esta com a inatingível perfeição, é claro.

O génio britânico deu ao mundo, como aliás outros povos deram, grandes homens, que nos surgem como expressão da sua peculiaridade. Eu sei que são perigosas as sínteses, nascidas duma primeira

Continua na pág. 4

SERVIÇOS CENTRAIS

A Chefia-Geral dos Escoteiros de Portugal elaborou um programa de actividades para 1964

A Chefia-Geral dos Escoteiros organizou um interessante programa de actividades para o ano corrente, no qual se destacam a realização de um Acampamento Nacional, que se efectuará no Campo Permanente da Costa de Caparica de 22 a 30 de Agosto próximo, coincidindo com a inauguração oficial daquele Parque, onde têm sido feitas construções e melhoramentos importantes a que brevemente faremos referência.

Está também projectada uma Quinzena Escoteira a efectuar em data prózima, durante a qual serão promovidas diversas actividades, nomeadamente uma exposição de cartazes em montras e no S.N.I. sobre o tema «50 anos da A.E.P. e 52 anos de Escotismo em Portugal», bem como uma exposição de fotografias, de selos escoteiros e desportivos e outros assuntos de interesse.

Talvez em Outubro, será realizado um grande almoço de confraternização.

A' medida que nos forem chegando informes mais concretos acerca destas importantes iniciativas, espera *Sempre Pronto* dar-lhe ampla difusão. Por agora, limitamo-nos a fazer o seu registo e desejar que eles alcancem completo êxito.

Uma interessante campanha

Para chefe do Acampamento Nacional do Jubileu foi nomeado o sr. Eng.º

Continua na pág. 6

OUTRO ÊXITO JORNALÍSTICO DO JOVEM «LOBO NEGRO»

A Princesa Grace do Mónaco DEU UMA ENTREVISTA A "SEMPRE PRONTO"

O nosso mais jovem colaborador, o «Lobo Negro», que os nossos leitores já conhecem através da sua infatigável actividade entrevistando antigos escoteiros, alargou agora a sua acção e obteve uma entrevista da Princesa Grace do Mónaco, que esteve de visita ao nosso País. Apresentou-se com o seu uniforme de escoteiro, e a Princesa, manifestando a maior simpatia pelo Escotismo, dispôs-se amàvelmente a responder às perguntas que o jovem jornalista lhe quis fazer. Mas vamos dar a palavra a «Lobo Negro»:

Eram 17 horas de 16 de Abril passado, quando Sua Alteza a Prince-

Continua na pág. 4

DE SINTRA

Grupo N.º 93

Comemorações da Batalha de La Lys

Conforme é já tradição, o Grupo 93 associou-se uma vez mais às comemorações do 9 de Abril. O seu chefe, o nosso amigo sr. Miguel Raposo Bicho, acompanhado pelos escoteiros José Ribeiro e Cunha e Jorge Santos, devidamente uniformizados, deslocaram-se à Batalha e ali tomaram parte nas respectivas comemorações. Com eles e, também de automóvel, seguiram mais oito antigos escoteiros daquele grupo, elementos que activamente estão a colaborar nas comemorações do 30.º aniversário da fundação daquela unidade.

Os escoteiros foram portadores de uma bilha em forma de lis com 1 litro de azeite, sua oferta para a Chama da Pátria.

Em Sintra, nas comemorações promovidas pela delegação local da Liga dos Combatentes, junto ao Monumento aos Mortos da Grande Guerra, compareceu o sr. Veloso de Lima, vice-presidente da Direcção do «93», acompanhado por dois escoteiros uniformizados. Aquela Delegação fez oferta ao Grupo de uma fotografia do monumento como lembrança da cooperação que os escoteiros de Sintra há tantos anos prestam àquelas cerimónias, tanto em Sintra como na Batalha.

O aniversário da Tuna de Sintra

A Tuna Operária de Sintra comemorou em 3 de Maio passado o 52.º aniversário da sua fundação. Presidiu o antigo escoteiro sr. António José Forjaz, vereador da Câmara Municipal de Sintra, em representação do Presidente da mesma.

O acto serviu para prestar homenagem ao sr. Tenente Manuel de Matos pelos serviços relevantes prestados àquela agremiação, tendo sido distinguido com o título de presidente honorário, sendo descerrada uma lápida dando o seu nome ao salão nobre. O sr. Tenente Manuel de Matos é também presidente da Direcção do Grupo 93.

Os Escoteiros deste Grupo prestaram guarda de honra às entidades presentes.

ESCOTISMO NA CAPITAL

Grupo N.º 94

Este Grupo recebeu a visita, no dia 5 do corrente, de vários escoteiros do Grupo n.º 12 e do Grupo n.º 16 de Carcavelos (em reorganização), dirigidos pelo chefe Viegas Custódio. Acompanharam estes, dois elementos da «Campanha Diogo Cão» e um lobito do Grupo marítimo n.º 85.

Assim, os rapazes do 94 contactaram com os caminheiros da Equipa Luís de Camões com as patrulhas Andorinha e Castor, respectivamente dos Grupos 12 e 16, e ainda com os lobitos do último Grupo.

Após a visita, os grupos regressaram às suas sedes.

Este número foi visado pela Comissão de Censura

Dos Amigos de «Sempre Pronto»

Doentes

O nosso estimado assinante sr. José Camacho, de Moçâmedes, Angola, esteve doente e internado num hospital. Encontra-se felizmente melhor, tendo já regressado à sua actividade profissional. Desejamos um restabelecimento completo.

Também o nosso dedicado amigo e assinante sr. dr. Aires Serrano e Silva esteve doente, tendo já retomado a actividade clínica. Fazemos votos porque a sua saúde se restabeleça completamente.

Visitas

Encontra-se no Continente, em gozo de umas merecidas férias, o nosso estimado amigo e antigo escoteiro do Grupo 93, de Sintra, sr. Fernando Soares Laranjeira, que ao serviço da Força Aérea tem estado na Guiné onde se tem notabilizado no cumprimento das tarefas difíceis que o serviço militar exige. Acompanhado de sua Esposa e de seu Pai, deu-nos o prazer de sua visita, tendo sido para nós muito grato abraçá-lo.

CAMPANHA A FAVOR DE UMA POBRE doente mental

«Sempre Pronto» deslocou-se na semana da Páscoa ao Freixial para dar execução ao auxílio a uma pobre doente mental que próximo daquela localidade vive, de harmonia com uma notícia que o nosso jovem redactor «Lobo Negro» tinha lido na imprensa diária, que o moveu a lançar a campanha a seu favor.

A doente em questão vive em local afastado daquela povoação, numa pequena propriedade de seus pais, que se encontra hoje rodeada por vastas instalações de uma empresa industrial ali estabelecida. A doente vive com seus pais, humildes agricultores, e uma irmã que devotadamente cuidam das suas necessidades e a tratam com todo o carinho. É de facto um caso triste, pelo estado de demência em que aquela jovem se encontra, mas não é uma situação de abandono e miséria. A doente foi em tempo devido examinada por médicos e ainda recentemente voltou a ser vista por uma médica. Trata-se de um caso de meningite que a inutilizou para toda a vida. Falámos ao pai que nos respondeu:

— Não. Não quero internar a minha filha! A doença dela não tem cura e em parte nenhuma a tratam melhor que a família. Enquanto eu fôr vivo não me separo da minha filhinha.

A irmã da doentinha, que se encontrava presente, e é uma jovem de aspecto saudável, atalhou imediatamente:

— E se o meu Pai lhe faltar tem-me a mim. Não deixarei de tratar da minha irmã, embora o seu estado seja lastimoso. Ninguém a tratava melhor do que nós.

E o pobre homem acrescenta:

— Ainda estou para saber como foi que o jornal soube da nossa existência. Há tantos anos que aqui vivemos sòzinhos com a nossa filhinha e só agora é que se lembram de nós...

Explicámos que o nosso desejo de auxiliar a resolver o triste problema tinha surgido da notícia da imprensa diária, mas verificávamos com satisfação que a doentinha, embora de saúde deplorável, se encontrava amparada pelo muito amor e carinho de seus que-

Segue na pag. 6

CALENDÁRIO DE MAIO

DIA 1 — 9.º Aniversário do Grupo n.º 8, de Lisboa.

DIA 3 — 11.º Aniversário da Companhia de Guias Rainha D. Leonor, de Lisboa.

DIA 12 — Domingo das Mães.

DIA 22 — 27.º Aniversário do Grupo n.º 4, do Porto.

Pedimos a todos os Grupos de Escoteiros e Companhias de Guias para colaborarem neste Calendário indicando-nos as efemérides do seu conhecimento.



António Manuel Ribeiro

Em 2 de Maio corrente, faleceu com a idade de 73 anos, o nosso estimado amigo e assinante sr. António Manuel Ribeiro, antigo escoteiro com larga folha de serviços ao Movimento, funcionário aposentado do Banco Português do Atlântico.

Foi um dos dirigentes que se diplomaram na primeira escola de chefes que funcionou no nosso país por iniciativa do Dr. Tovar de Lemos, tendo sido instrutor do Grupo 2, chefe dos antigos grupos 15 e 25, Tesoureiro da Direcção Central, Comissário Adjunto de Lisboa, Comissário Regional, Secretário-Geral da A. E. P..

Deve-se-lhe ainda, entre outras iniciativas, a organização dos primeiros serviços de equipamentos e uniformes da A. E. P. e a organização da Região Escoteira de Santarém. Foi um dos fundadores do Grupo 36 de Torres Novas e sócio fundador da Fraternal.

Muito interessado no Escotismo, acompanhou sempre com simpatia as suas actividades.

O funeral saiu da casa mortuária do Hospital de Santa Maria, tendo comparecido muitos antigos escoteiros e dirigentes, entre os quais nos lembra ter visto os srs. Albano da Silva, secretário-geral da A. E. P., Humberto Martins, indigitado para presidente da direcção da Fraternal, Dr. Fausto Salazar Leite, Ernesto Clímaco do Nascimento, Luís Simões Aurélio, Quintino Pinheiro, e José Eduardo Pena Ribeiro. *Sempre Pronto* fez-se representar pelo seu Director e pelo Chefe Clímaco do Nascimento.

A' família enlutada apresentamos sentidas condolências.

Assinantes Patrocinadores

O nosso dedicado amigo sr. Humberto Martins, um dos primeiros Escoteiros do 1.º Grupo de Escoteiros de Portugal, portanto um dos fundadores do Movimento no Continente Português, fez a sua inscrição como Patrocinador, endereçando a propósito palavras de muito apreço pela obra de *Sempre Pronto*. Registamos com prazer a sua inscrição e apresentamos-lhe os nossos agradecimentos.

Conversando com os Chefes de Tribo

(CONTINUAÇÃO)



3.º — Como instruir patrulhas

A instrução de matérias escotistas às patrulhas deve ser sòmente dada pelos guias respectivos.

É um grande erro o Chefe instruir os escoteiros nas provas de classe, especialidades, etc.

Não sendo o Chefe a ensinar como aprenderão os escoteiros?

Na reunião semanal da Tribo, reservar-se-á meia hora para conselho de guias. Nessa meia hora o Chefe explica aos guias matérias escotistas; estes por sua vez, na reunião semanal da patrulha, ensinam aos seus escoteiros aquilo que aprenderam no conselho.

Torna-se mais fácil ao Chefe explicar determinado assunto a 4 rapazes do que a 32. Não importa que os guias não expliquem tão bem, o que interessa é que sejam eles a administrar os ensinamentos, porque a prática fará depois o aperfeiçoamento.

Dentro deste espírito competirá aos guias tirar as provas de classe aos rapazes, excepto as provas da Lei e Promessa, que devem ser as últimas a ser prestadas na 3.ª classe e que sòmente serão aprovadas pelo Chefe de Tribo, que aproveitará a ocasião para ter uma conversa particular com o aspirante sobre a sua próxima subida a escoteiro.

Claro que o Chefe poderá aprovar outras provas, desde que o guia lhe peça para examinar os escoteiros.

Concluiremos indicando que as especialidades devem ser ensinadas e tiradas por pessoas aptas, não constituindo, portanto, obrigação do Chefe ou do guia de patrulha.



4.º — Tribos de uma só patrulha

O sistema de patrulhas não pode ser praticado com uma patrulha só, o mínimo de duas e o máximo de quatro é o suficiente para se ter o mais alto nível escotista.

Grupo dizendo que trabalha, que apresente só sete rapazes com um guia a dirigi-los, é grupo de fraco escotismo.

Observemos, porém, um grupo que inicia a sua actividade escotista. É sabido que de princípio poucos rapazes aparecem, os primeiros 6 ou 8 que chegaram, foram incorporados numa patrulha e o próprio Chefe faz de guia, iniciando esses rapazes no escotismo, treinando-os em jogos, provas, doutrina escotista, etc., durante o período de 2 meses, com duas reuniões semanais, preparando-os para a promessa que farão logo a seguir ao treino.

COMO ARRANJAR MAIS RAPAZES?

Surge agora o problema de arranjar mais elementos para a Tribo. Vejamos como o Chefe Ribeiro dos Santos o resolve:

— Muito fácil: Você divide uma patrulha de 8 rapazes que estava dirigindo em duas patrulhas de 4 escoteiros, e escolhe um guia para cada uma.

Depois arranja um prémio que os guias não possuam (escusa de ser muito caro) um bom canivete: uma bússola; uma máquina fotográfica tipo caixote; etc, e diz mostrando o prémio: Dou este prémio ao guia, cuja patrulha se complete primeiro com rapazes todos com promessa feita. Não acrescente mais nada a estas palavras nem dê mais explicações, mas em cada reunião mostre sempre o prémio.

O efeito é mágico. Verá que dentro de pouco tempo as duas patrulhas estarão completas.

Depois divida as duas patrulhas ao meio, formando deste modo quatro, e faça a mesma coisa que fez para as duas, e em pouco tempo estarão as quatro completas. Garantimos que este processo de obter rapazes dá resultado tendo o prémio à vista logo desde o início. O Chefe nunca deve prometer, deve sim logo mostrar, pois isso fará estímulo para uma actuação mais eficiente.

A. I.



11 — A PROVA REAL, por Júlio Conrado. S. L. 1963, 132 págs.

Ignoro se se trata de estreia, como tampouco sei se o A. é jovem ou pessoa já amadurecida pela vida. No entanto, este livro revela um espírito que, além de observador, recebeu da vida embates que o devem ter fundamente marcado, deixando-lhe vincos de amargura que atravessam a obra de lés-a-lés. Vê-se que o A., apesar de denotar leituras atentas e, aqui e ali, influências de outros escritores modernos, sabe traduzir bem a emoção perante casos vividos — porque não receio enganar-me apontando em quase todos os contos do volume, se não em todos, episódios de que o A. foi testemunha, alguns até em que ele próprio participou — em linguagem muito pessoal, escorreita e, muitas vezes elegante, (virtude que vai faltando aflitivamente nos jovens escritores e poetas do nosso tempo), a denotar espírito já amadurecido para as Letras e que deve prosseguir na carreira encetada — se se trata, de facto, dum primeiro livro — porque demonstra qualidades de narrador, espírito de observação e talento de escritor, que seria pena deixar de cultivar, tudo o que revela, acima de todos, o conto que abre o volume e dá o nome ao livro.

12 — ESCOTISMO. Princípios fundamentais do seu método. Edições «Escotismo». S. L. 1963. 32 págs

Adaptação de uma palestra realizada, em Junho, do ano passado, pelo Eng.º Nobre Santos, Director da Escola Central de Chefes da A. E. P., no Clube Rotário de Lisboa Norte, este livrinho é um auxiliar precioso para esclarecer os leigos acerca dos fins e métodos do Escotismo, ali expostos em linguagem simples e clara. Quem, ainda hoje (por impossível que isto possa parecer), ignorar quais sejam os fins do Escotismo e a extensão da sua obra no decurso do meio século desde que o movimento foi lançado em 1908, ràpidamente ficará perfeitamente ao facto do que seja esse admirável jogo que B.—P. idealizou e a que deu realidade.

Ilustrado com sugestivos desenhos, quase todos reprodução de outros espalhados pelas obras do Fundador, lendo-se estas páginas singelas, mas apesar disso

Conclusão na página 6

NO CENTENÁRIO DE SHAKESPEARE

Seguimento da pág. 1

análise; todavia ela nos ajudam a uma análise posterior e mais segura. Essas sínteses são como a paisagem vista em profundidade, através dum arco, levando-nos ao exame em vastidão. Permita-se-me, pois, esta síntese: Em três vultos a Grã-Bretanha nos dá um esquema da vida do Homem no mundo: Shakespeare no drama; Newton na lei universal; Baden-Powell na pragmática. O primeiro debruça-se sobre o drama do homem, ao actualizar e aprofundar a tragédia grega, possuindo agora o instrumental divino do Cristianismo; o segundo fixa-se nas leis Universo, levando ao mais alto nível a disciplina mental que reconhece a pequenez do Homem nesse Universo, e a grandeza real dessa mesma pequenez. O terceiro colhe pragmàticamente os efeitos imediatos das conquistas realizadas por uma Humanidade adulta e experimentada, e dirigindo-se à parcela adolescente dessa Humanidade, procura *para* ela e *com* ela, força saúde, consciência desperta, amor real.

Shakespeare é o sentimento, Newton o intelecto, Baden-Powell a vontade; sem que cada um deles deixe de participar das outras duas faculdades humanas.

Claro que não são de esquecer tantos outros vultos enormes; mas eles poderão ser classificados na expansão da paisagem. Agora estamos vendo-a através dum arco...

A pragmática badenpowliana necessita das leis que Newton descobriu ou verificou, e do drama que Shakespeare revolveu e encenou.

A própria vida de Shakespeare é o drama miniatural da Humanidade, vista por certos ângulos. É um microcosmo explicitador, desde que se encontra, nos seus vinte anos, a contas com a justiça local por delito de caça furtiva. Atribuem-se-lhe sete ofícios: escrivão, boticário, tintureiro, tipógrafo, que sei eu! Assiste às actividades paternas de luveiro e agente de vendas. Ao fim de oito anos encontramo-lo, guarda de cavalos à porta do teatro depois actor e por fim autor. Tudo isso ilustra a forma como o génio se lhe revela. Encontrou em Jaime 1.º o auxílio de que todo o ser humano necessita, para se revelar e triunfar, seja um Miguel Angelo, junto do Papa Júlio II; seja um Martitinho Lutero, junto de Frederico III, o Eleitor de Saxónia; seja um Barão de Necker junto de XIV; seja um Marquês de Pombal, junto de D. José I; e basta nomear estes para não multiplicar fastidiosamente os exemplos.

As muitas aventuras e vicissitudes, as muitas tarefas e empresas, os muitos contactos e choques desvendaram ao seu genial poder de observação e intuspecção o segredo da mundivivência, e de aquilo a que chamarei «interetnicismo» coisa muito mais humana que as fórmulas políticas do internacionalismo.

E assim se irá ver um dia o génio pedagógico de Baden-Powell trazer para o palco da vida aquilo que se adivinhava na vida do palco. Com as leis newtonianas, as cenas Shakespearianas em prática de utilidade fraterna; no fogo do campo, nas cenas e marchas, na aplicação artesanesca à vida prática, que nos livrem das doenças do ânimo, escalpelizadas há quatro séculos; na cultura da alegria salubre, na liberdade disciplinada, no reconhecimento da hierarquia dos valores vitais, enfim em tudo que aqui nos reúne: a amizade sã e fecunda.

Tenho dito.

No Oberland

A vista que Tu me deste,
Dador de todos os bens,
Nesta paisagem celeste
Está hoje de parabéns.

Brincalhona e atrevida,
Trepa por toda a montanha;
Desce aos vales de fugida,
Nos lagos azúis se banha.

Passeia no arvoredo,
Recreia-se nas alturas,
Dos abismos não tem medo,
Tem as nuvens por seguras.

Há momentos em que prende
Sua atenção nos insectos,
Nas pedras que o sol acende,
Nos cantinhos predilectos.

E nas flores sente o bando
De companheiras de amor
Que, em cor vária, vão saudando
O seu e meu Criador.

Ao chegar a Adelboden, 10 Agosto 1963

EDUARDO MOREIRA

Princesa Grace do Mónaco

Continuado da pág. 1

sa Grace do Mónaco deu entrada na sede da Cruz Vermelha Portuguesa, às Janelas Verdes. Era acompanhada pelos srs. Comandante Benvindo da Fonseca e esposa; General Câmara Pina, Chefe do Estado Maior do Exército, e sua esposa; e outras altas individualidades dos dois países, que foram recebidos pelo sr. Professor Castro Freire, presidente da Cruz Vermelha. Na sala do Conselho Supremo a sr.ª D. Margarida Morais, presidente da Secção Feminina daquela instituição, apresentou-lhe cumprimentos.

A princesa deu depois uma audiência à Imprensa e, nesse período, foi o representante de «Sempre Pronto», recebido, iniciando assim a sua entrevista:

— *Alteza: Tenho a honra e o grato prazer de a cumprimentar em nome de toda a comunidade Escotista de Portugal. Gostaria de saber, se fosse possível, qual o cargo que ocupa dentro do Movimento Guidista do seu principado, pois, segundo soubemos, Vossa Alteza é Guia.*

— Sou Chefe-Geral, ou Nacional como queiram, das Guias de Mónaco.

— *E na Cruz Vermelha?*

— Sou Administradora-Geral, também dentro do meu principado.

— *Gostaríamos de saber também qual o desenvolvimento do Escotismo, não só masculino mas também feminino, em Mónaco.*

— Não se pode exigir mais do que se tem exigido. E já é demais pois posso afirmar que no meu país o Escotismo, dentro das suas possibilidades, está bastante evoluído.

— *Alteza: É certo que não teremos o prazer de a tornar a ver nas telas do cinema?*

— Sim, agora dedico-me aos meus filhos, ao meu marido e ao meu povo.

— *Qual é a impressão que leva do nosso país?*

— Levo a melhor impressão possível de imaginar, pois todos têm sido aqui em Portugal de uma gentileza inigualável.

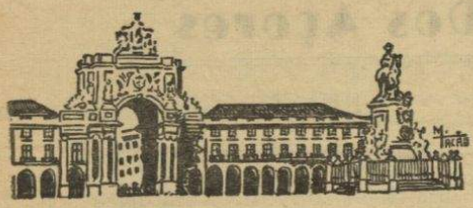
— *Para terminar, gostaríamos de lhe pedir que, por intermédio do nosso jornal, dirigisse algumas palavras aos Escoteiros e às Guias de Portugal. Poderá ser?*

— Quero formular, nas páginas deste vosso jornal, o voto de que continuem a fazer mais e sempre mais Escotismo em prol da Juventude.

Estava terminada a entrevista. Despedimo-nos agradecendo reconhecidamente as suas declarações e afirmando:

— *Muito e muito obrigado em*

Segue na pág. 5



O Escotismo na Capital

REUNIÃO DE LOBITOS

No Domingo, dia 12 de Abril passado, efectuou-se no Castelo de S. Jorge uma concentração dos lobitos de Lisboa, tendo estado presentes 39 lobitos dos grupos n.os 2, 10, 53, 79 e em organização na Casa de S. Vicente.

Os lobitos entregaram-se a alguns jogos, ouviram histórias que os deliciaram e um lobito do grupo 10 fez a sua passagem à Tribo.

Publicações Escoteiras

ESCOTISMO — Princípios fundamentais do seu método

Conforme Sempre Pronto *oportunamente noticiou, o sr. Eng.º José M. Nobre Santos fez em Junho do ano passado uma conferência no Clube Rotário de Lisboa Norte. As Edições Escotismo, acabam de publicar esse trabalho, com indispensáveis adaptações, num interessante folheto, muito útil para a difusão dos objectivos do Escotismo e propaganda do seu método. Trata-se de um trabalho que os Grupos deverão possuir para a divulgação do Movimento e dos seus propósitos educativos,*

O custo de um exemplar é de Esc. 3$00, mas para 10 exemplares é feito o preço de 25$00 e para 100 o preço de 200$00.

Os pedidos podem ser feitos ao Serviço de Material e Uniformes — Rua de S. Paulo, 254, 1.º, em Lisboa-2.

Princesa Grace do Mónaco

Seguimento da pág. 4

nome de todo o movimento Escotista Português e do «Sempre Pronto». Também eu próprio agradeço reconhecido e presto as mais sinceras homenagens a Sua Alteza a Princesa Grace de Mónaco.

Ao retirarmo-nos, oferecemos à Princesa Grace, como recordação, um escalpe da patrulha Lobo trabalhado pelo guia Luís Filipe. Feita a saudação escoteira, retirámo-nos dando lugar aos representantes dos outros órgãos de informação.

Teve a gentileza de servir de intérprete o nosso amigo escoteiro do C. N. E., Luís Eduardo Esteves Pereira, neto da primeira guia de Portugal, Sr.ª D. Maria Luísa Esteves Pereira, a quem agradecemos.

LOBO NEGRO

A Sr.ª D. Maria Luísa Correia de Magalhães E. Pereira fez Interessantes declarações ao jovem «Lobo Negro» no prosseguimento das entrevistas, que vem promovendo, a antigos escoteiros

Foi exactamente em 22 de Fevereiro, dia do aniversário do Fundador, que tivemos o privilégio de ser recebidos pela Sr.ª D. Maria Luísa Correia de Magalhães Esteves Pereira, primeira Guia de Portugal e actual membro da Fraternal dos Antigos Escoteiros de Portugal.

— Gostávamos de saber — dissemos-lhe — qual a idade em que prestou a promessa como Guia de Portugal. Lembra-se?

— Não me lembro bem, mas salvo erro foi aos 15 ou 16 anos. Não estou bem certa.

— Conseguiu participar nalgum Jambori?

— Não, por acaso não participei em nenhum.

— E em acampamentos nacionais?

— Também não participei em nenhum acampamento nacional, pelo simples facto de os não haver ainda naquele tempo. Apenas participei nos acampamentos semanais que eram então os mais vulgares.

— Decerto que a Senhora, como Guia de Portugal, teve muitos episódios interessantes. Não gostaria de contar algum aos nossos leitores? — inquirimos com interesse.

— Sim, poderei contar um. Por exemplo: Quando da morte do Presidente Sidónio Pais, no dia do seu funeral a Praça do Comércio estava cheia de povo para se incorporar no cortejo fúnebre. Numa dada altura começou-se a ouvir tiros. O povinho automàticamente desapareceu. Só ficaram formados o Exército, a Marinha, a Cruz Vermelha, uma força da Marinha Inglesa, os Escoteiros e as Guias de Portugal. Imediatamente todos correram para os seus postos. As forças armadas procuraram manter a ordem e os escoteiros e as guias com a Cruz Vermelha começaram a transportar os feridos em macas.

«No fim, tudo se normalizou e os escoteiros e as guias foram muito elogiados não só pelo Governo mas também pelo Povo, que nos começou a ver com melhores olhos, do que nos tinha visto até àquela altura».

— Perdoe-nos, Sr.ª D. Maria Luísa, se a importunamos, mas gostaríamos de saber se está actualmente ligada ao Movimento?

— Sim, sou membro da Fraternal dos Antigos Escoteiros de Portugal.

— E agora, para finalizar, teríamos muito prazer em registar algumas palavras dedicadas aos actuais escoteiros e às actuais guias.

— Gostaria de dizer que é preciso que o efectivo de hoje, não só os rapazes como também as raparigas, se sacrifiquem como outrora nós nos sacrificámos. Veja que nós outrora até apedrejados fomos. O povo quando nos via fardados até pedras nos amandava. Hoje, que é que elas e eles passam? Nada! Porque nós antigamente com o nosso exemplo de querermos ser prestáveis lhes abrimos o caminho e hoje os novos nem dos veteranos do Movimento se lembram. Por isso é que eu digo que é preciso que se sacrifiquem se querem bem ao movimento escotista e guidista em Portugal.

— Minha senhora, resta-me agradecer-lhe não só em meu nome, mas em nome do *Sempre Pronto* e do Escotismo as belas palavras que nos dedicou e que os nossos leitores vão, certamente, apreciar.

LOBO NEGRO

Fraternal dos Antigos Escoteiros de Portugal

Acerca da entrevista que publicámos no nosso último número com o presidente da Fraternal, sr. Dr. Eugénio Henrique Ramos, escreve-nos este nosso prezado amigo uma carta, que devido à sua extensão não podemos transcrever na íntegra, em que analisa um passo dessa entrevista em que se diz:

«Nesta ordem de ideias, efectuou-se uma reunião da Direcção, dias antes da Páscoa, onde foram revistas as contas, as quais, depois de fechadas, foram colocadas à apreciação do Conselho Fiscal».

Explica o sr. Dr. Eugénio Ramos que estas palavras se devem, com certeza, a confusão por parte do nosso redactor, pois o que tinha dito, ou pelo menos querido dizer, era que *«as contas depois de fechadas irão ser colocadas à apreciação do Conselho Fiscal».*

E acrescenta:

«Apesar de logo ter notado esse lapso, a que devo ter dado lugar, disse de mim para comigo: «Honni soit qui mal y pense».

«E isso porque, por um lado, tal lapso só poderia ser notado por antigos escoteiros da nossa Fraternal, que julgo conhecerem-me para logo concluírem que de lapso se trataria. Por outro lado, só de má fé — e esta não a concebo entre antigos escoteiros — pensei, se poderia admitir outra coisa. Acontece, no entanto, que pensando melhor, concluí que não estava a ver o assunto em toda a sua extensão. (...) Incumbe-me o dever de desfazer malentendidos que possam prejudicar qualquer boa colaboração de que tanto necessita a nossa Fraternal. Nesta conformidade, decidi-me a vir prestar-lhe este esclarecimento que tornará extensivo a todos os leitores de «Sempre Pronto», se julgar válidas as razões em que o filio».

Está assim esclarecido aquele

CONCLUSÃO NA PÁGINA 7

Serviços Centrais

Seguimento da pág. 1

do Jubileu foi nomeado o sr. Eng.º José Maria Nobre Santos, Escoteiro-chefe-geral adjunto, que acaba de lançar uma campanha interessante na qual não só os escoteiros mas os antigos podem colaborar.

Pretende-se trazer ao Acampamento representantes dos grupos de escoteiros de todo o país. Como a despesa de deslocação é elevada e os escoteiros de Lisboa estão, nesse ponto, beneficiados, visto o acampamento se realizar no Campo da Caparica, procura-se que todos os Escoteiros cooperem numa campanha para levantamento de fundos, promovendo-se para isso uma actividade que carece apenas de força de vontade e espírito de iniciativa. Convida-se os grupos a procederem à recolha de jornais usados e a efectuarem a sua venda, remetendo o produto em vale de correio para os Serviços Centrais.

Trata-se de uma campanha de solidariedade e de um meio absolutamente próprio de escoteiros. Evitam-se assim os peditórios públicos de dinheiro, proibidos pelo Regulamento Geral, como se acentua na circular dirigida pelo Chefe do Acampamento aos Chefes e Guias de Patrulha.

Os antigos escoteiros poderão colaborar pondo os seus jornais usados à disposição dos escoteiros. «Sempre Pronto» *terá muito prazer em tomar nota destas ofertas e transmiti-las aos grupos cujas sedes sejam mais perto das suas residências.*

Concurso de «Incremento de efectivos»

Uma iniciativa que está já a decorrer é este concurso inter-grupos. Destina-se a promover o aumento de efectivos para que o Escotismo possa levar os seus benefícios a um maior número de rapazes portugueses. Pretende-se que esse aumento de efectivo seja obtido por três principais meios:

I) Conhecimentos pessoais directos especialmente pelas relações pessoais dos escoteiros, procurando atrair para o Movimento os rapazes das suas relações.

II) Melhoria do nível do Escotismo praticado pelo Grupo, com vista a despertar um maior interesse dos jovens e de seus pais pelos métodos escoteiros.

III) Realização de actividades de divulgação dos métodos escoteiros, onde se mostrem os rapazes em acção, praticando realmente o Escotismo.

Dever-se-á ter em mente que, embora interesse aumentar o número, continuará a querer-se muito mais a existência de um nível de qualidade.

O Concurso terminará em 31 de Dezembro do ano corrente e estender-se-á a todo o País.

Ao darmos publicidade a este Concurso tão oportuno e importante, não pode *Sempre Pronto* deixar de fazer alguns comentários, que nos parecem muito pertinentes. Foi muito feliz a elaboração dos três pontos através dos quais se procurará o aumento de efectivos. Sobretudo o II ponto indicado é, quanto a nós, fundamental. Se o Escotismo tem, entre nós, diminuído em quantidade, isso deve-se exactamente a uma diminuição sensível do seu nível. Teremos de produzir um Escotismo de alta qualidade se quisermos obter resultados sólidos. E essa qualidade terá de ser exigida principalmente aos Chefes. Estes terão de constituir um padrão para os seus rapazes e isso obrigá-los-á a pequenos sacrifícios pessoais, a abdicarem de atitudes e hábitos, que podem ser tolerados em qualquer adulto, mas não são admissíveis a um educador.

O terceiro ponto também foca um assunto importante. De facto é essencial pôr os rapazes a praticar REALMENTE escotismo. Há actividades que têm determinado interesse mas não são realmente escotismo. Qualquer organização ou associação as poderá igualmente promover. O Escotismo, porém, tem programas específicos que o caracterizam e lhe dão valor. Sem promover tais actividades não estaremos fazendo Escotismo. Convinha ponderar este terceiro ponto no Programa de actividades projectado para este ano.

A propaganda do Movimento deve assentar também em factos reais. A publicidade fantasiosa, a divulgação de notícias que não correspondam com verdade aos factos será um péssimo serviço ao Escotismo, exercendo uma acção nefasta na educação do rapaz.

Felizmente que as normas superiormente estabelecidas para este Concurso assentam em princípios sãos, pelo que nos é muito grato felicitar os seus organizadores.

Campanha a favor de uma pobre doente mental

Seguimento da pág. 2

ridos, que não lhe faltavam com os cuidados e alimentação.

Em face do que observámos e do que nos foi dito, chegámos à conclusão de que, embora vivendo modestamente, aquela família provia às suas necessidades, pelo que resolvemos não levar adiante os nossos propósitos de beneficência, que aliás não era desejada pelo que resolvemos devolver os donativos aos seus generosos ofertantes, com os nossos reconhecidos agradecimentos.

— * —

Tendo procurado o Antigo Escoteiro anónimo para lhe devolver a quantia de 500$00, que pusera à disposição de Sempre Pronto, *este nosso dedicado amigo expressou a sua satisfação por saber que a doentinha se encontrava amparada pelos cuidados de sua família, mas recusou-se a receber aquela importância, que ofereceu para o Fundo de Beneficência de* Sempre Pronto.

PROPONHA PARA «SEMPRE PRONTO» UM NOVO ASSINANTE.

A Toca do Rato Sábio

Seguimento da pág. 3

vibrantes, sente-se uma pessoa bafejada por uma lufada de ar fresco e revivificador, que outra coisa não é o espírito do Escotismo.

Rato Sábio

Dos Açores

ILHA TERCEIRA

Confraternização Escotista

Em 26 de Janeiro, o Agrupamento do CNE na Praia Vitória, esteve em festa. De manhã, houve concentração do seu efectivo, e das unidades convidadas, que desfilaram até à Matriz, onde se realizaram Promessas de vários elementos, seguindo-se a Santa Missa.

Além de representações de diversos agrupamentos do CNE, esteve presente uma delegação do Grupo 52 da AEP, de Angra do Heroísmo, com o chefe Moniz Silva e dois graduados dos «Boy Scouts of America» das Lajes.

Foi servido um abundante lanche, que foi pretexto para uma simpática jornada de confraternização escotista.

Exposição Escotista nas Lages

Em 8 de Fevereiro, integrada na respectiva Semana Escotista, e em organização dos «Boy Scouts of America» da B.A.4., realizou-se uma interessante exposição em que se fizeram representar Lobitos, Escoteiros, Caminheiros, Avezinhas, Escoteiras e Seniores. O tema foi «A Fraternidade Escotista em Acção» e para a mesma foram convidados os organismos escotistas da Ilha Terceira, mas só o Grupo 52 da AEP se fez representar.

As cerimónias de inauguração tiveram início com o simbólico corte de fita pelo Brig. General George S. Boyland Jr., comandante das forças americanas nos Açores, que estava ladeado pelo chefe do Grupo 52 da AEP em Angra do Heroísmo e delegado do jornal *Sempre Pronto* nos Açores, Jacinto dos Reis Moniz Silva; e pelo Major Shinn, Capelão-Chefe Americano, Coronel Hugh Wild, 2.º Comandante Americano e outros convidados e chefes americanos.

Seguiu-se um desfile de todas as unidades escotistas americanas à frente do qual seguia a representação do Grupo 52 dos Escoteiros de Portugal, levando a bandeira nacional o secretário do 52, prof. Leopoldino Tavares e a do Grupo, o escoteiro Amilcar Ramos.



Um aspecto da Exposição vendo-se, ao fundo, o Chefe Moniz Silva

Tocados os hinos nacionais português e americano, o mestre de cerimónias, Mr. Baird, fez a apresentação da comissão organizadora e convidados.

Segue na pág. 7

ANTIGOS ESCOTEIROS

UMA PALESTRA DO REV. EDUARDO MOREIRA NO DIA DE S. JORGE DURANTE A REUNIÃO DA TERTÚLIA

No dia 23 de Abril p. p. — dia de S. Jorge — realizou-se, no restaurante da Rua de S. Paulo, a habitual reunião da «Tertúlia». Estiveram presentes cerca de três dezenas de convivas: srs. Rev. Eduardo Moreira, esposa e cunhada, sr.ª D. Lucinda de Castro Pacheco; Albano da Silva, esposa e filho; Amílcar Fernandes; António Xavier de Brito; Cosme Leitão; Eduardo Quintino Pinheiro; Ernesto Clímaco do Nascimento; Dr. Eugénio Henrique Ramos e esposa; Eugénio Ribeiro Nunes e esposa; Fausto Sacadura; Humberto Martins; João Henrique Pereira Soares e esposa; Joel Ribeiro; José Dionísio dos Santos, esposa e filhas; Júlio de Almeida Nogueira; Levi Lobato; Luís Alves Miguel; Luís Simões Aurélio e esposa; Mariano Inácio; e Wolfgang Karl.

No final do repasto, o presidente da Fraternal, dr. Eugénio Ramos, fez a apresentação do orador da noite, pois o rev. Eduardo Moreira iria fazer, a seguir, a palestra, que noutro lugar publicamos, subordinada ao título «*Shakespeare, o génio britanico e o Escotismo*», em comemoração do 4.º centenário do grande dramaturgo inglês.

Escutado com muito interesse nas suas judiciosas considerações, o sr. rev. Moreira foi muito aplaudido, no final, por toda a assistência, tendo o presidente da direcção aproveitado a oportunidade para lhe fazer a oferta de um distintivo da Fraternal, artìsticamente bordado.

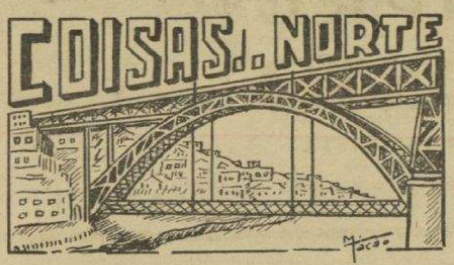
A reunião terminou no meio do agrado geral, depois de todos os presentes terem assinado uma ementa da casa, que foi oferecida, como homenagem, ao orador da noite.

Fraternal dos Antigos Escoteiros

Seguimento da pág. 5

lapso — e a verdade posta nos seus preciosos termos.

Agradecemos a este nosso prezado amigo a sua amabilidade e pedimos desculpa aos nossos estimados leitores do equívoco cometido.



DIA DO ESCOTEIRO

No passsado dia 23 de Abril, levaram a efeito os Grupos 4, 15 e 44 da Região Norte o dia de S. Jorge — Patrono Mundial do Escotismo — que decorreu dentro do mais alto nível escotista.

A cerimónia realizou-se na sede do Grupo n.º 15 e foi presidida pelo Chefe deste Grupo sr. Rev. Vidal dos Santos.

Foi entoado o Hino da A. E. P. a que se seguiu a palestra proferida pelo Rev. Vidal dos Santos. Pôde então historiar a lenda de S. Jorge que, como já é hábito, deixou todos os escoteiros e assistentes entusiasmados e certos de que podem — assim o queiram — cumprir, como S. Jorge fez, espalhando o Bem.

Ainda contou outra história, mas esta verdadeira, passada há muitos anos e levada para o Escotismo por B. P.. Evocou motivos para que os escoteiros se tornem bons e valentes, rapazes prontos a cumprir seu dever para com Deus e a Pátria.

Dentro do mesmo programa, renovaram os dirigentes presentes e os escoteiros o seu Compromisso de Honra, sendo anteriormente aceite os Compromissos do sr. Jorge Dias Fernandes, como Chefe dos Serviços Administrativos do Grupo n.º 15 e do aspirante do mesmo Grupo, Mário Castelo. Os escoteiros do Grupo 15 foram distinguidos com várias estrelas de assiduidade, que foram entregues pela seguinte ordem:

Chefe Vidal dos Santos, 39.ª estrela; Subchefe José dos Santos, 18.ª estrela; Raimundo Ferreira, 6.ª estrela; João Figueiredo, 4.ª estrela; Rui F. Fonseca, 2.ª estrela.

Falaram ainda os Chefes Barbosa e Saraiva que agradeceram o convite do Grupo n.º 15 para aquela festa, renovando os seus melhores votos para que aquele Grupo continue com a mesma orientação e progrida para o grande interesse da divulgação do escotismo dentro da Região do Norte.

Foram ainda recolhidas verbas dos escoteiros dos três Grupos presentes, cada um contribuindo com 1$00, importância já entregue ao Delegado com vista ao «Fundo de Amizade Mundial do Escotismo» e que será enviada para a

Dos Açores

Seguimento da pág. 6

a começar pelo General Boylan e o Coronel Wild, que dirigiram algumas palavras ao auditório, seguindo-se os capelães, P.e Morris e Major Shinn, que proferiram invocações, respectivamente, em português e inglês.

Falou, por fim, o orador principal, convidado, E. C. Jacinto dos Reis Moniz Silva, que escolheu por tema o «Escotismo Mundial».

Em seguida, iniciou-se a visita às diferentes secções da exposição, que logo de início foi presenciada por cerca de 300 pessoas.

A apresentação do Grupo 52 da A. E. P., na exposição, sob a direcção artística do caminheiro, prof. Leopoldino Tavares, foi subordinada ao tema «Meios de Acção Escotista», tendo como subdivisões: (1) Didática Escotísta (Livros e Publicações escotistas portuguesas); (2) Escotismo em prática (trabalhos manuais escotistas); (3) Fraternidade Escotista (fotografias de actividades escotistas conjuntas, portuguesas-americanas; A.E.P. — B.S.A.).

Para encerramento da Exposição, foram distribuídos os prémios atribuídos às diferentes categorias. A exibição do (52) do A.E.P., sob o tema «Escotismo Mundial», foi considerada a melhor, na categoria escoteira.

Aniversário de Baden-Powell

Em 22 de Fevereiro, realizou-se a reunião mensal do Grupo 52 da A.E.P., que foi dedicada ao nosso Fundador, tendo o Chefe Moniz Silva dissertado sobre o significado do dia.

Usou também da palavra o secretário do Grupo, prof. Leopoldino Tavares, que pôs em relevo a personalidade inconfundível de Roberto Baden-Powell.

Falou ainda o subguia da Patrulha, Manuel do Carmo Gaio, que se referiu à meritória missão do dirigente escotista.

Reunião anual dos Lobitos americanos

Realizou-se a 25 de Fevereiro, no Salão Lisboa do clube de oficiais americanos (B. A. 4 — Lages), a reunião anual dos Lobitos Americanos, precedida de jantar (Blue & Cold Banquet), com uma comparência superior a 250 convivas, entre Lobitos, Escoteiros, Famílias, Dirigentes e convidados.

A reunião começou com a cerimónia do içar da bandeira pelos componentes do Bando n.º 9 dos «Cub Scouts» da *Pack I*, e, da segunda parte constou uma pantomina, pelo Bando n.º 10, evocativa das datas mais importantes em 54 anos de escotismo americano.

Seguiu-se a distribuição de inúmeros distintivos e recompensas, sob a orientação do Chefe Harris, com a cooperação do Presidente, Major DeTurk e do comissário Escotista sr. MacDonald. — C.

Não há música mais melodiosa que o cântico daquela mãe que acalenta o filhinho doente.

STELLA CÂMARA DUBOIS

Direcção dos Serviços Centrais lhe dar o seu mais directo destino.

Entoado o Hino Nacional, foi encerrada a cerimónia. — C.

SEMPRE PRONTO

N.º 229

MENSÁRIO ESCOTISTA

MAIO de 1964

O DIA DAS MÃES

O Dia Universal das Mães, observado em muitos países da América do Norte e do Sul da Ásia e da Europa, é o segundo Domingo de Maio; o Dia Nacional das Mães é em Portugal o 8 de Dezembro. Pensará o leitor que é demais haver um dia universal e outro nacional? Não o creio eu, pois as Mães nos prestam diàriamente os seus cuidados, nos dão diàriamente os seus conselhos, nos manifestam diàriamente a seu carinho.

Que há de excesso, então, no lembrarmo-nos delas, colectivamente, em dois dias por ano, se elas nos amam todos os dias?

Anos depois de, nos Estados Unidos da América do Norte, sob proposta do presidente Woodrow Wilson, se haver oficializado a tão simpática ideia duma menina órfã, de nome Ana Jarvis, isto se passou pelos anos de 1913, lembraram-se de comemorar também o «Dia dos Pais». Eu tinha, e tenho, outra maneira de considerar a posição de cada pai: no «Dia das Mães» via-o tomar os filhos pela mão e irem junto da querida Mãe agradecer-lhe o ambiente do lar, que é obra sua, e o conforto na vida de cada um dos de casa, que se juntam e emparceiram em volta dela...

Que maior honra para um homem, do que esta iniciativa sua? Alguém disse: o homem faz a *casa*, mas a mulher conserva o *lar*. De facto, o homem é a trave mestra, porém a mulher é o olhar vigilante, desde o limiar até à parede do fundo.

Num dia de Dezembro e no mês de Maio recorda a Igreja Latina, de maneira especial, a Bem-aventurada Maria, mãe de Jesus; e bem podemos, todos nós, cristãos, dizer que a Virgem de Nazaré, escolhida pelo Ser que jamais se engana em análise e não se arrepende na escolha, foi a Mãe modelo, que «no coração guardava todos os sucessos» da sua bendita eleição. Não foi ela autora do Cântico onde se prevê o derrubamento do orgulho dos poderosos da terra e a elevação dos humildes e carecidos?

No Dia Nacional das Mães tem-se feito em Portugal uma obra de assistência às Mães que dela carecem. Fazem-se berços e enxovais de encanto; e pelo caminho da Beleza se realiza Bondade. O Dia Universal das Mães, com a entrega das flores brancas e coloridas, conforme é recordada em saudade, pela definitiva ausência, ou se manifesta carinhosa gratidão à que está presente, e com a flor recebe o ósculo filial, é uma solene afirmação do valor social da Mulher, que sempre poderá desenvolver, em qualquer região da terra e em qualquer classe da sociedade, o sentido materno que lhe é congénito.

Mulher, mãe em potência, desde o jeito infantil com que toma nos bracitos a boneca, seja rica ou pobre, até à função social que lhe não destrua a feminilidade, na idade adulta. A propósito, e como ilustração do que fica dito, recordemos o monumento erecto numa cidade do Brasil à «Mãe Preta», a antiga escrava que dedicou aos meninos de casa uma tão grande dedicação que, não sendo materna, foi maternal. Em quanto terá concorrido esse amor humilde de muitos milhares de «mães pretas», durante anos e anos, dedicado às crianças que lhes eram confiadas, para a lição de compreensão inter-racial lusa e brasílica que se dá ao mundo?

Já lá vai a escravatura nefanda, ao menos no Ocidente, mas aindam existem, nas províncias luso-africanas, amas e servas, de tez escura e alma clara, que amam e são amadas, e muito contribuirão para essa harmonia social que a nós, Portugueses, se cometeu e muitos sabem realizar — melhor que tantos outros povos.

Mães de todas as cores, de todas as línguas, de todos os cultos, nós vos saudamos, beijando a mão que baloiça o berço e que, nesse gesto, disse-o um poeta sul-americano, dirige o mundo!

EDUARDO MOREIRA

FRUTOS DO AMOR

Juan de la Cierva foi um notável cientista espanhol, um extraordinário valor no mundo das altas matemáticas, um autêntico génio. Este grande sábio tinha, porém, uma característica que lhe conferia ainda mais valor, valor humano. Dedicava uma grande afeição a sua mãe. E era tanto o amor que lhe devotava que desviou a atenção das matemáticas para se preocupar com a invenção de um avião onde sua mãezinha, já idosa, pudesse voar com toda a segurança. Imaginou por isso um avião que pudesse subir e baixar verticalmente, quase parado. E foi assim que conseguiu inventar o helicóptero, esse avião que está sendo utilizado em tantos serviços úteis e que realiza acções de salvamento de pessoas em perigo em locais inacessíveis a outros transportes, como altas montanhas e navios açoitados por temporais.

Um invento extraordinário! — reconhecerão muitos. Talvez ignorem, porém, que Juan de la Cierva descobriu o helicóptero em consequência do grande amor que dedicava a sua mãe. O amor é sempre uma força que impulsiona os homens para grandes realizações.

O Testemunho de Baden-Powell

Por ocasião da passagem do seu 80.º aniversário, Baden-Powell referiu-se a sua mãe nos seguintes termos:

«Meu pai não pôde contribuir para a minha educação: morreu quando eu tinha apenas três anos. O segredo do meu êxito está na personalidade de minha mãe. Como essa mulher admirável conseguiu educar-nos todos, (1) e de maneira que nenhum de nós naufragou na vida; como ela não sucumbiu aos trabalhos, cuidados e canseiras, não sei, não posso compreender!»

(1) Eram 7 irmãos. Havia ainda 3 filhos doutro matrimónio de seu pai, que a mãe de B. P. também tomou sob os seus cuidados, visto não terem mãe, por ter falecido.

MÃE

Mulher preta, mulher africana,
O' tu, minha mãe,
Penso em ti...

O' Damã, minha mãe,
Tu, que me levaste no dorso,
Tu, que me deste de mamar,
Tu, que ajudaste os meus primeiros passos,
Tu, a primeira a abrir-me os olhos
Para os prodígios da terra:
Penso em ti...

Mulher dos campos, mulher das ribeiras,
Mulher do grande rio, tu, ó mãe:
Penso em ti...

O' tu, Damã, ó minha mãe,
Que enxugaste as minhas lágrimas,
Que me alegraste o coração
E, paciente, aturaste os meus caprichos:
Como eu quereria estar ainda ao pé de ti;
Criança, ao pé de ti!
Mulher simples, mulher de resignação,
O' tu, minha mãe,
Penso em ti.

O' Damã
Damã, da grande família dos ferreiros,
Meu pensamento sempre se volta para ti,
E o teu, a cada passo, me acompanha.
O' Damã, minha mãe,
Como eu quereria estar ainda em teu calor,
Ser criança ao pé de ti ..

Mulher preta, mulher africana,
A ti, minha mãe, eu agradeço,
Por tudo que por mim, teu filho, tu fizeste;
Tão longe, e tão perto de ti!

CAMARA LAYE

(Do Livro «L'Enfant Noir», Liv. Plon, Paris)